

A Crise de 1929

Os loucos anos 1920



Rua de Los Angeles, alta madrugada, anos 1920. Impulsionadas pela eletricidade, pelo dinheiro e pelo motor dos automóveis, as cidades americanas já não dormem mais (Fonte: Wikipedia)

Fazendo um estudo comparativo entre a crise de 29 e a crise econômica atual (2008) somos levados a crer numa certa incapacidade dos americanos de lidar com o sucesso. Que eles são trabalhadores e muito criativos não dá para negar, mas falta-lhes, creio eu, o hábito da reflexão aprofundada, uma visão geral dos fenômenos econômicos e sociais, falta-lhes certa prudência, a partir das experiências anteriores, como acontece a europeus e asiáticos.

Enquanto as outras nações definham lentamente, dando lugar às novas forças hegemônicas, os americanos simplesmente desabam, criando um perigoso vácuo político econômico – a última vez em que isso ocorreu, o mundo acabou na mais sangrenta guerra mundial da história. Os elementos são parecidos: uma crença ingênua no liberalismo clássico, quase inexplicável depois de tudo que o já aconteceu, nas leis cegas de mercado e em um ciclo de prosperidade aparentemente interminável, embora a crise de atual tenha um agravante em relação à de 29: a crise atual pegou os americanos em meio a uma guerra longa e ainda indefinida, contra os inimigos de Israel. Espero que uma reflexão sobre 29 ajude a compreensão daquilo que está ocorrendo atualmente e, na medida do possível, tranquilize os angustiados e alerte aos responsáveis.

A sociedade do pós-guerra

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, milhões de jovens, com os bolsos cheios de dinheiro e idéias na cabeça, foram desmobilizados do exército americano e absorvidos pelo sistema fabril ou abriram novos negócios, para aproveitar a maré de prosperidade que invadia o país, pois a guerra propiciara uma colossal transferência de capitais da Europa

para os Estados Unidos, transferência essa que continuaria nos anos seguintes, pois os americanos não estavam dispostos a abrir mão dos juros e taxas acordados anteriormente com os europeus, ainda mais agora que a Europa recusava-se a aplicar a proposta americana para uma paz sem vencidos nem vencedores elaborada pelo presidente **Woodrow Wilson** (1).

Ao invés de buscar virar o jogo com uma diplomacia de longo prazo os americanos preferiram dar ouvidos ao discurso demagógico e populista, de Warren Harding, que se tornará um dos mais corruptos presidentes da história do país, eleito em 1920 com a proposta de um retorno à “normalidade”, que na prática significava o retorno à velha nação do século XIX, fechada sobre si mesma, com o Estado bem distante da economia e das reformas sociais (2).

O fluxo de dinheiro era enorme, fruto da poupança nacional e dos recursos gerados tanto pela venda de armas aos durante a guerra como de empréstimos de capitais aos europeus. Com os caixas forrados de dinheiro os bancos puseram-se à caça de talentos empreendedores para fazer o capital girar na forma de novas empresas, abertas aos milhares por jovens ex-soldados ambiciosos e motivados. Rapidamente se fizeram fortunas e começou a surgir, forte e pujante, uma numerosa classe média tipicamente urbana. Eis algumas características dessa época:



Uma grande multidão se aperta às margens do lago Michigan, em Chicago nos anos 20, para aproveitar o momento de lazer tomando banho de rio (fonte: Wikipedia))

a) **Urbanização acelerada:** graças ao desenvolvimento de extensa rede de meios de transportes de massas, ao crescimento do setor de serviços, principalmente na área de seguros e finanças, que demandam uma mão-de-obra tipicamente urbana – os principais focos de urbanização se localizavam na Costa Leste, em especial Nova York, nas margens dos Grandes Lagos, principalmente Detroit e Chicago, centros produtores da indústria automobilística, e Toronto, no lado canadense, enquanto na Costa Oeste grandes centros como Los Angeles e San Francisco experimentavam os vigorosos efeitos da abertura do

Canal do Panamá, em 1914. Nas cidades os grandes magnatas disputavam para ver quem construía o edifício mais alto – dessa concorrência nasceram algumas obras primas como o Edifício Chrysler e o Edifício Empire State, em Nova York.

b) **Explosão tecnológica:** graças ao desenvolvimento de novos métodos de produção, em especial o conceito de linha de montagem de Henry Ford, houve uma explosão de produtividade, inventos e inovações que tornaram acessíveis a quase todos a posse de bens típicos das classes mais abastadas. A Ford lança 15 milhões de automóveis tipo Ts; aparelhos de rádio estão presentes em todas as casas; o cinema fornece entretenimento barato para todos e enche as cabeças dos trabalhadores cansados de fantasias de vitória e consumo ao alcance de todos; a indústria química dá saltos lançando novos materiais tão versáteis quanto baratos; os postos de gasolina e motéis se multiplicam; etc.

c) **Melhoria na qualidade de vida:** graças à iniciativa governamental, grandes extensões da América do Norte começam a ser cortadas por estradas longas e largas (as auto-estradas); ocorre a ampliação da rede elétrica e a eletrificação das residências se torna comum; linhas telefônicas cruzam o continente e aparecem os encanamentos internos e grandes sistemas de esgoto, administrados pela municipalidade ou por empresas, nos recantos mais afastados do país – para realizar obras tão dispendiosas, muitos municípios se endividaram pesadamente junto aos bancos. Quando 29 chegou.

d) **O avanço da mulher:** mobilizadas para as fábricas de armamentos, enquanto os homens partiam para lutar na guerra, a mulher mostrou competência e capacidade de trabalho similar a do seu companheiro, por isso era justo que também gozasse dos mesmos direitos. Em agosto de 1920 o Estado do Tennessee foi o último a aprovar a 19ª emenda à Constituição que garantia às mulheres a plenitude dos direitos políticos. Impulsionadas pela popularização da psicanálise na América, as mulheres dos anos 20, ao contrário das feministas do período anterior, eram sexualmente mais liberadas e buscavam tanto o sucesso na vida profissional como na vida afetiva, aproveitando-se das benesses do capitalismo vitorioso. Na outra direção, surgiu uma espécie de “feminismo místico” que sobreexaltava o papel da mulher como guardiã do lar. Porém os benefícios do progresso não chegaram até as mulheres negras que, com a paz, foram demitidas e obrigadas a ceder seus postos aos brancos e brancas disponíveis, de tal sorte que no início dos anos 20, setenta e cinco por cento das trabalhadoras negras se dedicavam às funções de empregadas domésticas, lavadeiras e camponesas.

e) **Uma arte utilitária e funcional:** A estética das edificações, o seu espaço interno e o lay out das residências em geral mudaram. A antiga forma de expressão da Art nouveau, com muito ferro e metais retorcidos, e uma alvenaria também cheia de detalhes preciosos, herdados de um classicismo já esgotado, deu lugar a uma estética prática e funcional, onde os novos materiais como o concreto armado, o vidro, inclusive coloridos, formando belos vitrais, bem como no uso abundante de novos materiais, principalmente os plásticos, deram uma nova forma ao espaço urbano e familiar, conhecida como Art déco.



Uma típica banda de jazz do interior dos EUA nos anos 20; “The King and Carter Jazzing Orchestra” de Houston, no Texas. (Fonte: Wikipedia)

f) **Uma nova tendência musical:** nascido nos bairros pobres e prostíbulos, majoritariamente habitados por negros, de New Orleans, o Jazz ganhou, com Louis Armstrong, um novo toque, muito mais agressivo e frenético, que caiu no gosto de boa parte da classe média urbana, tornando-se uma coqueluche em festas e bailes patrocinados por novos ricos, onde negro só entrava para servir tocar. Na esteira do jazz surgiram também outros estilos musicais e danças que se propunham a fazer os dançarinos suarem em movimentos vigorosos e muito sensuais, como o charleston e o lindy hop (de Charles Lindenberg, o primeiro a cruzar o Atlântico num vôo solitário, num avião preparado por ele mesmo, em 1927, e que encheu os americanos de um orgulho chauvinista). Além destas dançava-se o fox trote, mais bem comportado, a valsa e o tango.

g) **A evolução do cinema:** os primeiros filmes eram mudos, em preto e branco e as imagens passavam muito rápido, fazendo o ator parecer um autômato desgovernado, mas nada que o gênio dos americanos não pudesse resolver, ainda mais em meio àquela abundância de capitais. Em 1922 foi lançado o primeiro filme totalmente a cores, “Toll of the Sea”; em 1926 é a vez de “Don Juan”, que chegou acompanhado por efeitos sonoros e música; em 1927 o famosíssimo “The Jazz Singer” – onde um ator branco, Al Johnson, se caracteriza como um negro – apresenta, além da música, algumas sequências de falas. Finalmente, em 1928, aparece um filme totalmente falado, o “Lights of New York”. Todos, ricos e pobres, se apertam nas portas dos cinemas para verem os novos lançamentos e seus atores e atrizes prediletos. Em 1929, ocorre a primeira edição do prêmio “Oscar”.

h) **Uma nova moral sexual:** os antigos e típicos preceitos americanos de decência, polidez e cautela no trato social, temperados com o controle, às vezes obsessivo, da sexualidade foram postos de lado por muita gente dos anos 20, como atores e escritores que não tinham pejo de assumir e defender sua opção homossexual publicamente – a atriz Mae West, chegou a aventar a necessidade das leis garantirem o direito ao sexo. Fosse em festas da alta sociedade, fosse em clubes fechados só para grandes executivos, fosse em bares de subúrbio, onde brancos, negros e outras minorias farreavam e espicaçavam o

racismo da classe dominante, todos queriam dançar e se divertir muito, fosse para afogar as mágoas fosse para aproveitar os benefícios que um talão de cheques podia financiar.

Os Estados Unidos dos anos 20 eram o paraíso dos novos ricos, homens que experimentaram de uma hora para outra as maravilhas e o prazer de uma vida endinheirada e para a qual não estavam preparados, por isso seguiram em frente cometendo toda sorte de desatino moral, político e econômico acreditando que aquela prosperidade jamais acabaria. Embora esses novos ricos fossem farristas inveterados, e normalmente estivessem cheirando a fumo, a álcool falsificado ou contrabandeado (o fabrico e a comercialização de bebida alcoólica foram proibidos no país entre 1919 e 1933) e a perfume de mulher desconhecida, duas coisas o “tiravam do sério”, e o deixavam tão “selvagem” quanto o seu avô: operários reivindicando aumento salarial e gente pedindo reformas sociais.

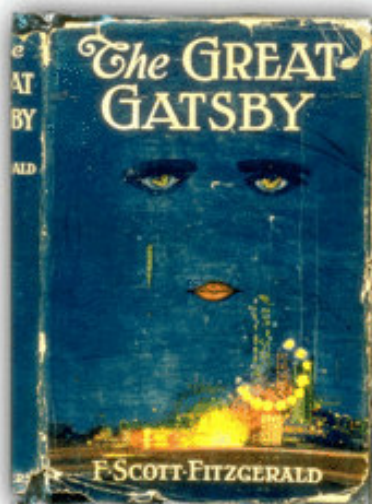
Os deserdados da fortuna

Mas nem tudo era grana farta, alegria e entretenimento naquela “ilha da fantasia”. No campo se instalara uma crise, pois os europeus, arrojados pelos prejuízos da 1ª Guerra e pela cobrança dos grandes financistas americanos, passaram a importar menos alimentos, fazendo o preço destes cair no mercado interno, inviabilizando certas culturas. Por causa disso milhões de pessoas migraram do campo para as cidades em busca de oportunidades e empregos, indo morar em periferias paupérrimas e vivendo às custas da caridade de igrejas e de particulares.

Esses brancos vindos do interior vão se encontrar, mas não confraternizar, com uma massa de gente já acostumada a ficar fora das festas do capitalismo americano: negros, índios e chicanos (imigrantes da América Latina e seus descendentes), tradicionalmente tratados como cidadãos de segunda categoria ou como um estorvo racial, o que não impediu, porém, de uma das comunidades negras mais discriminadas, o Harlem de Nova York, experimentasse uma explosão musical (gravadora Black Swan Corporation de 1921) esportiva (o Renaissance Basketball Club, de 1923, um supertime, antecessor do Harlem Globetrotter, de Chicago, fundado em 1926) e literária (o jornal “Opportunity” tornou-se a vitrine de vários escritores negros que acabara ganhando expressão nacional como Langston Hughes e Zora Hurston), chamada de a **Renascença do Harlem**.

Numa posição social um pouco melhor, mas também muito sacrificada, estavam os operários. Havia muito trabalho a ser feito, muitas empresas abrindo e fechando, mas também havia uma grande oferta de mão-de-obra vinda do campo, e políticas restritivas nos vários níveis contra aumentos “exagerados” de salários. Havia uma desconfiança geral em relação aos patrões muito “bonzinhos”: “Será que ele é comunista?” Contra as tentativas de greves por parte dos sindicatos (labor unions), foram mobilizadas as milícias estaduais, e até tropas federais, enquanto as lideranças eram enquadradas numa legislação repressiva feita para a realidade da 1ª Guerra Mundial – a Lei de Espionagem, 15 de junho de 1917, emendada pela Lei de Sedição, de 1918. Os sindicatos terminaram a década muito impotentes.

Mas dentro do próprio sistema se fizeram ouvir vozes que discordavam, criticavam e alertavam sobre os excessos que estavam sendo cometidos, e o quanto esses excessos enfraqueciam o caráter dos americanos. Saídos das trincheiras da guerra, traumatizados e sacudidos o bastante para não se contentarem com a ideologia do prazer fácil obtido por meio do dinheiro, uma geração de poetas e escritores americanos e europeus sensíveis e inteligentes dissecavam da forma mais crua as entranhas putrefatas dos anos 20, construída sobre os cadáveres de 9 milhões de mortos e outros tantos mutilados pela guerra e indiferente com a sorte dos mais pobres. Essa geração literária foi chamada de **Geração Perdida**, e contou com autores como Ernest Hemingway, Ezra Pound, Gertrude Stein, John dos Passos, Scott Fitzgerald, T. S. Elliot, Henry Miller.



Capa da primeira edição do Grande Gatsby, de 1925, onde a expressão triste, mas ao mesmo tempo frios e indiferentes, de Daisy paira sobre as luzes frenéticas da festa, mostrando o verdadeiro estado de espírito daqueles festeiros (Fonte: Wikipedia)

Uma das obras mais marcantes, porém, foi o livro “Great Gatsby” (“O grande Gatsby”), de Fitzgerald que conta a história de um novo rico, Gatsby, um homem correto, trabalhador, mas ingênuo, que esconde na opulência sua ligação com um passado pobre, com quem ele tem uma relação ambígua. Gatsby dá festas em sua mansão todo fim de semana só para encontrar um amor do passado, Daisy (bem anos 20!). Ele a encontra, mas Daisy é uma típica cabeça-de-vento”, uma superficial, que hesita entre Gatsby (o amor verdadeiro) e o seu esposo atual (a estabilidade e as convenções sociais), embora usufrua de ambos, até que ela provoca um acidente com o carro de Gatsby (atropela e mata uma pobre), levando-o posteriormente à morte, assassinado pelo marido da vítima. Das multidões que freqüentavam as festas de Gatsby só dois compareceram ao seu enterro. Segundo o livro, a América dos salões de festa era um lixo.

A arte nos Estados Unidos dessa época, em geral, permaneceu estática, enquanto a Europa passava por um frenesi de criatividade, na forma de escolas e movimentos que se alternavam nas belas artes. Um dadaísta americano, Ray Man, tentou fazer escola em

Nova York, a cidade americana mais cosmopolita, mais aberta, mas teve que desistir. “Dada não sobrevive em Nova York”, disse ele, e foi para a Europa, longe da superficialidade de seus compatriotas.

Notas

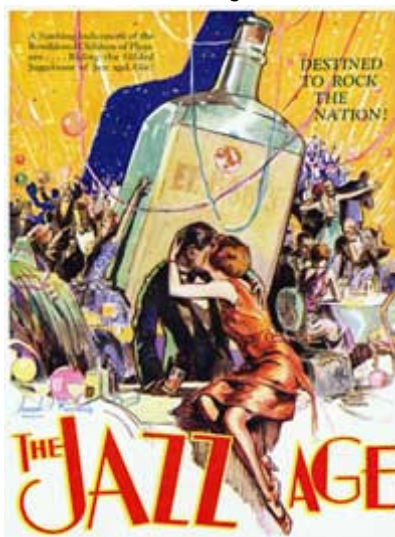
(1) A aceitação dos “14 pontos” de Wilson significaria, na prática, aceitar a hegemonia americana nos assuntos internacionais e, principalmente, na nova ordem mundial que se pretendia criar após a Guerra. As velhas raposas européias não iriam aceitar isso sem opor resistências, que só poderiam ser vencidas com uma diplomacia obstinada, articulada e de longo prazo. Enfim, com muita paciência que, convenhamos, não é um atributo muito americano.

(2) Os americanos estão parcialmente escusados porque Harding foi o primeiro político a perceber e a usar a força dos astros de Hollywood em sua campanha, conseguindo a adesão de superastros como Al Johnson, Douglas Fairbanks e Mary Pickford e de pesos pesados da indústria como Henry Ford, Thomas Edson e Harvey Firestone.

Eduardo Simões

Licenciado pela Universidade Federal do Ceará
Professor efetivo da rede de ensino estadual de São Paulo

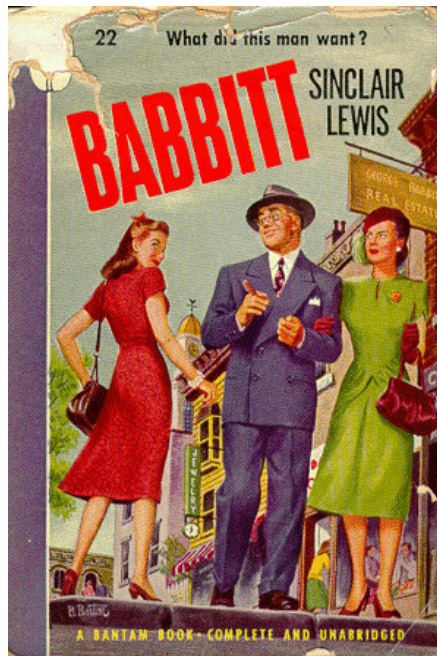
ILUSTRAÇÕES



O termo “Jazz Age”, “Era do Jazz”, foi criada pelo escritor Scott Fitzgerald, para designar uma série de historietas, romances, etc. que ele escreveu ambientado nos salões de festa dos anos 20, ao som deste ritmo. Nesse cartaz, de 1929, estão presentes todos os elementos dos contos de Fitzgerald e da América de então: festa carnavalesca, muito álcool e muita luxúria – só falta o fumo que também era abundante e faz mal á saúde (Fonte: Wikipédia)



Ford modelo T de 1927 (Fonte: Wikipédia)



Outra crítica arrasadora à sociedade dos anos 20 foi “Babbit” (nome do principal personagem), escrito em 1922 por Sinclair Lewis. Nesse livro Lewis expõe a estreiteza mental, o preconceito e a falta de cultura do homem americano da classe média, das pequenas cidades do meio-oeste, e que compunha a pedra angular da sociedade americana. É um governista encarniçado e um patriota, desde que os outros arquem com os eventuais prejuízos advindos da defesa da pátria. É um crítico do passado, que ele mal conhece (não passa de um ignorante cheio de verniz), e é dos erros reais ou fictícios dos ancestrais ele tira as justificativas para os grandes erros que se comete no presente. A capa do livro acima já diz tudo: ele paquera uma garota mais jovem sob as vistas da esposa; em cima uma frase pergunta: “O que este homem quer?” Pela descrição das roupas e da maquiagem das mulheres deduz-se que esta edição é dos anos 40 (Fonte: Wikipédia)



O cimo do Edifício Chrysler (Nova York) com sua torre na forma de leques sobrepostos, e cabeças de águias metálicas se projetando de um parapeito, um exemplo típico da Art déco na arquitetura (Fonte: Wikipédia)



O interior de um restaurante (Eaton's Ninth Floor) de Montreal, no Canadá, um belo exemplo de uma decoração nos padrões da Art déco (Fonte: Wikipédia)



Louis Armstrong, o mago do trompete, o homem que deu uma nova cara ao jazz e o tornou mundialmente conhecido nos anos 20. Um dos maiores músicos americanos de todos os tempos (Fonte: Wikipédia)



Langston Hughes, escritor, romancista, jornalista de grandes jornais. Não bastasse a cor de sua pele, numa sociedade extremamente racista e ainda segregacionista, Langston teve que enfrentar uma infância difícil, quando foi abandonado pelos pais após o divórcio de ambos, sendo criado pela avó. Mas, ele foi à luta e venceu, tornando-se um homem bem sucedido na sua comunidade. Homem engajado, foi um dos divulgadores nos Estados Unidos, em plenos anos 20, do movimento literário e político da Négritude, nascido nas colônias francesas (Fonte: Wikipédia)



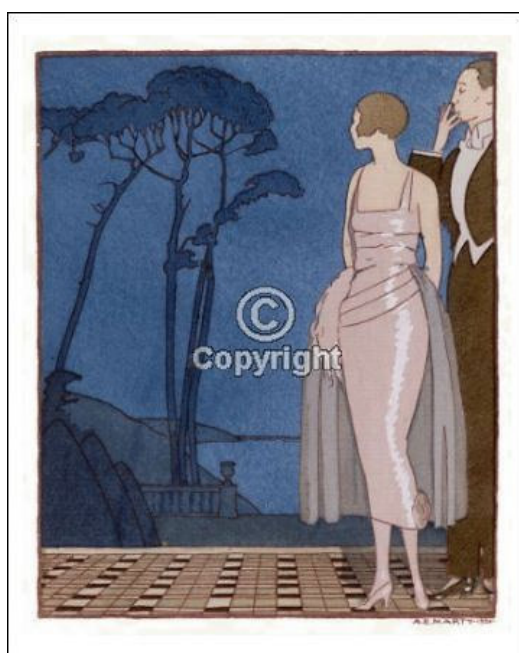
A folclorista, antropóloga e romancista americana Zora Neale Hurston, numa pose de “Queen Latifah”, outro destaque negro desta época e participante da Renascença do Harlem embora, ao contrário de Hughes, não tenha obtido o justo reconhecimento enquanto era viva. Suas idéias políticas, muito conservadoras, a afastaram dos negros sem aproximá-la dos brancos. Foi redescoberta em 1975 (Fonte: Wikipédia)



Os anos 20 viram nascer um novo tipo de mulher: a “flapper”, que no Brasil era chamada de “melindrosa”. A flapper era uma mulher tipicamente urbana, muito “liberada” que bebia, fumava, e se divertia junto com os homens, rompendo o tradicional isolamento a que as mulheres haviam sido relegadas nos séculos anteriores. Foi uma moda nascida no mundo artístico – na foto a atriz Alice Joyce, em 1926 (Fonte: Wikipédia)



Desenho de uma flapper na garupa de uma bicicleta, numa revista de 1927. Note-se o chapeuzinho típico, a maquiagem carregada e o vestido curto. Tal imagem seria considerada indecente nos anos 30, 40 e 50. A ousadia da flapper só será igualada com a invenção da minissaia em 1970 (Fonte: Wikipédia)



Havia também lugar para o romantismo, para a elegância e a discrição. A flapper, acompanhada do seu parceiro (chamado no Brasil de “almofadinha”) impecável no seu fraque, aprecia a noite deslumbrante de numa luxuosa mansão ou clube, numa gravura de 1920 – apesar de comprido o vestido não deixa de ser provocante, destacando as formas do corpo; “Como é bom ser rico!” (Fonte: Wikipédia)



A flapper se “espalha” e os cavalheiros, muito sisudos, não tiram os olhos, numa gravura de 1928 (Fonte: Wikipédia)



A célebre dançarina negra americana, Josephine Baker, faz uma demonstração do charleston, em Paris, no ano de 1926 – na foto o momento da curiosa troca de mãos sobre os joelhos. Sucesso retumbante em Paris nos anos 20, Josephine foi a primeira estrela negra mundialmente conhecida (Fonte: Wikipédia)